



Afonso da Rocha e Castro nasceu em 27 de Dezembro de 1897, em Vila Real. Filho de Vasco da Rocha e Castro, que aqui exercia funções de inspetor da Companhia dos Tabacos, e de sua mulher D. Augusta Olímpia Cardoso Baptista, com quem casou em 15 de Abril de 1983. Afonso foi o segundo de oito irmãos. Casou em 17 de Setembro de 1934 com D. Lídia Rodrigues Borges, de quem teve um único filho, Agostinho Vasco, o conhecido pintor e cartoonista Vasco.

Estudos primários na escola do professor Francisco Pereira de Araújo, na Rua Direita, e secundários (até ao 6.º ano) no Liceu de Vila Real. O 7.º ano foi feito em Coimbra. De Coimbra passou para Lisboa, em cuja Faculdade de Direito se matriculou, tendo-a frequentado durante dois anos sem contudo terminar o curso, que abandonou para abraçar a carreira de funcionário público (das Finanças), que iniciou ainda em Lisboa. Com a chegada de Salazar ao ministério das Finanças, Afonso de Castro transferiu-se para Vila Real. A casa da família era na Rua Central, onde funciona hoje o Instituto de Emprego e Formação Profissional. Aqui manteve relações com antigos condiscípulos e companheiros de adolescência que agora constituíam a elite cultural da cidade, como Manuel Cardona, Alberto Lisboa, Júlio Teixeira (que sobre ele expende opinião elogiosa em Fidalgos e Morgados de Vila Real e seu termo), Miguel Barrias e Euclides Portugal, este provavelmente o seu melhor amigo. Cultivou também a amizade de Domingos Monteiro e de Sousa Costa.

Na Faculdade de Direito foi colega de alguns futuros notáveis, como Marcello Caetano, José Gomes Ferreira, Norberto Lopes, Florbela Espanca. Com dois destes (o poeta José Gomes Ferreira e o jornalista Norberto Lopes) estabeleceu relações de grande amizade e camaradagem, assim como com o poeta Carlos Queirós, prematuramente falecido em Paris.

Foi episodicamente jornalista no Porto. Nessa cidade faleceu, de congestão cerebral, em 8 de Março de 1959.

Publicou apenas dois livros de versos: *Mocidade lírica* (1938) e *Antifonário pagão* (1948). Tem colaboração dispersa em diversos jornais e revistas (*Seara Nova*, *O Diabo*, *O Sol*, *Ocidente*, *Portucale*, *Civilização...*). No segundo daqueles livros anuncia a futura publicação de *Pequeno mundo de imagens*, prosa e verso, e *Seara alheia*, novas traduções poéticas (recorde-se que, ainda no mesmo livro, dedica a última parte, justamente intitulada “*Seara alheia*”, à tradução de 25 poemas de autores estrangeiros, principalmente franceses e espanhóis).

A veia poética deve tê-la herdado de seu Pai, Vasco da Rocha e Castro, que, embora não tenha produção literária conhecida, quando estudante em Coimbra (por sinal, «o mais fleumaticamente inaplicado de todos os estudantes da



Universidade», diz Alberto de Oliveira), fez parte do grupo da revista literária Boémia Nova — Revista de Literatura e Ciência (que se pretendia «um jornal de ideias modernas, de orientação moderna, de moderníssima escola»), em que pontificavam nomes importantes como António Nobre (o «Messias» do cenáculo, ainda nas palavras de Alberto de Oliveira), o já referido Alberto de Oliveira (que prefaciaria a Mocidade lírica), Agostinho de Campos, notável filólogo, e António Homem de Melo (conhecido por Toy, escritor e pai do poeta Pedro Homem de Melo). António Nobre refere-se-lhe afectuosamente, assim como a sua Mãe, Dona Margarida, no poema “Estrada da Beira”, do livro Só.

Afonso de Castro — que era tímido e introvertido, segundo Norberto Lopes — recebeu algumas referências elogiosas de alguns vultos de relevância cultural.

O livro de estreia, Mocidade lírica, foi prefaciado por Alberto de Oliveira, que afirma em dado ponto: «O sr. Afonso de Castro põe ao serviço do seu ideal literário todos os recursos de um real talento, revelando facilidade e fluência de expressão, harmonia e elasticidade de ritmo, variedade e vigor de imagens, ardor de inspiração, alta febre amorosa e lírica.»

Sobre o mesmo livro disse Júlio Brandão: «É um alto poeta de técnica equilibrada e de nobres ritmos.» Teixeira de Pascoais, em carta a Afonso de Castro, reconhece: «Sabe que o estimo e admiro, há muito tempo.» Ferreira de Castro acha o livro «excelente» e o Autor «um notável poeta». Júlio Dantas considera-o «um poeta de delicada sensibilidade, fiel aos cânones da velha poesia».

Entre a publicação de um livro e outro medeiam dez anos. Dez anos em que se produziu naturalmente um amadurecimento dos recursos poéticos. Mas também em que se perdeu a frescura e o élan juvenis do primeiro livro.

Mocidade lírica está dividido em duas partes: “Sonetos” e “Rimas dispersas”. Embora seja perceptível a matriz simbolista da inspiração de Afonso de Castro, que se movimenta num mundo nebuloso e astral, são por vezes reconhecíveis influências de poetas mais ligados à realidade concreta, como Cesário Verde ou Guerra Junqueiro, ou até de poetas do modernismo, no uso imprevisto e transgressivo das relações sintácticas.

Já Alberto de Oliveira notara no livro de estreia de Afonso de Castro uma inclinação sideral e nocturna: «Pode dizer-se que o Luar é o leit-motiv, ia a dizer o ar dos seus versos, e que, se não como fogo, como luz de artifício nos aparece e reaparece em mil formas, visões, desenhos e cores, porventura demasiado instantâneas para serem penetrantes e mnemónicas, mas deixando-nos sempre alguma turvação nos olhos.» Efectivamente são muitas e sempre variadas as imagens usadas para a lua e o luar: «Sonâmbulas



montanhas, onde o luar / É um anjo imenso errando pelo céu» (pág. 29); «Anda a lua a boiar, cadavêricamente, / No lago azul do céu, como uma infanta morta» (pág. 31); «A lua amiga, imponderável como / A alma branca dum anjo, pelo céu» (pág. 57); «A lua é um formidável diamante / No seio duma negra, a fulgurar» (pág. 62); «E os seios brancos, virgens que confundo / Com duas luas, ao nascer» (pág. 67); «Luar triste de exílio e de orfandade, / Tôrre branca de cisma, na amplidão» (pág. 71); «Lua de Agosto, — loira feiticeira / Debruçada às janelas do Ocidente» (pág. 76); ou, mais chocarreira, «O crescente lunar parece um grande corno / Que ao Diabo quebrou algum astro vadio» (pág. 105).

A leitura de Cesário ecoa no poema “Lisboa nocturna”: «Na solidão moral, anónima das ruas, / Malandros de bom-tom já bêbados, cocotes, / Riem cinicamente e mostram quase nuas / As carnes. Ao passar espreito-lhe os decotes.» (105).

Também é possível recensear, aqui e ali, sugestões junqueirianas: «E... — humanização simbólica da Farça! — / Cai bêbado um burguês, que a hediondez disfarça / Num Falstaff grotesco, a rir, às gargalhadas...» (pág. 21); «E vejo Hamlet trazendo, esfíngico e funério, / — Como um sinistro legionário do Mistério — / Entre as convulsas mãos, a caveira de Ofélia.» (pág. 31).

Enfim, Afonso de Castro não foi indiferente a certas transgressões dos modernistas: «Ardendo estrelas minha negra trança» (pág. 33); «Pelo honesto calor dos teus abraços, / Onde noivo, contigo, a eternidade.» (pág. 41); «Na tua carne a amanhecer instinto» (pág. 42); «Ao meu olhar, a desfazer-se em alma.» (pág. 55); «Noite aziaga que meu ser abisma» (pág. 63); «Eu sinta amanhecer d’Azul meu coração» (pág. 89).

SENHORA DO MARÃO

Ao Carlos Queiroz

Senhora do Marão e da Saúde

Tão triste da nossa alma portuguesa,

Junto de ti, vestido de humildade,

Meu coração ajoelhado reza.





Quero amar-te na fria soledade
Da virginal e bruta natureza,
Longe do mundo, na sinceridade
Da mais humana e pura singeleza.

Senhora da Distância e da Neblina,
Alma de lírio em corpo de menina,
Que para o amor dum anjo é que nasceu...

Irei à tua romaria, em breve,
À tua serra antes que volte a neve,
Que te veste de noiva, em lindo véu.

Afonso de Castro, Mocidade Lírica. – Régua : Imprensa do Douro, 1938